

“De TUDO o que puderdes fazei um sacrifício”

Este artigo é transcrito de uma palestra dada por Michal Semin [na nossa Conferência de Maio de 2012](#), em Roma. O Autor explica que um tema central da Mensagem de Fátima – anunciada já pelo Anjo e transmitida por Nossa Senhora aos três Pastorinhos de Fátima – é a utilidade e a necessidade do Sacrifício. Explica ele que esta mensagem do Sacrifício no interior da Mensagem de Fátima está a ser minada pelos modernistas, liberais e progressistas na Igreja de hoje. E, hoje mais do que nunca, precisamos de nos lembrar deste aspecto da Mensagem de Fátima. Leia e aplique este artigo a si próprio, Leitor, e ele poderá estimulá-lo a uma maior elevação espiritual.

por Michal Semin

As aparições de Fátima e a sua mensagem são, para além da sua finalidade primária, um grande instrumento apologético e catequético. No ano passado, nesta mesma Conferência, falei sobre o conteúdo doutrinal e espiritual do Santíssimo Rosário, dando especial ênfase à Oração de Fátima recitada no final de cada Dezena, jaculatória em que vem pronunciada a realidade do Inferno.

Graças à Visão do Inferno, foi-nos confirmado aquilo que a Igreja ensinou sempre; ou seja, que o Inferno não está vazio, está povoado, e que a actual ideia generalizada de uma salvação universal é, pura e simplesmente, falsa.

De certo modo, as aparições de Fátima afirmam particularmente aquelas verdades da Fé que se encontram sob o ataque das forças do modernismo e do progressismo, desencadeadas muito antes do Concílio Vaticano II.

Mensagem de Fátima – Uma chamada a viver uma vida de sacrifício

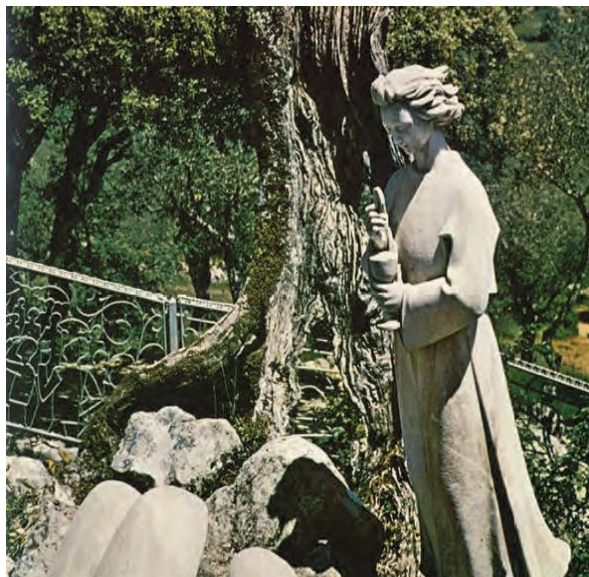
Um dos grandes temas da Mensagem de Fátima é a chamada a viver uma vida de sacrifício. Como eu vou tentar demonstrar, é o próprio conceito de sacrifício – tão central à Fé e à vida Católicas – que está entre aquelas verdades que são o alvo preferencial do modernismo e do progressismo.

O Anjo da Paz apareceu aos Pastorinhos no Verão de 1916, com as seguintes palavras:

“Que fazeis? Orai, orai muito! Os Corações Santíssimos de Jesus e Maria têm sobre vós desígnios de misericórdia. Ofereci constantemente, ao Altíssimo, orações e sacrifícios. De tudo que puderdes, ofereci a Deus sacrifício em acto de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e súplica pela conversão dos pecadores. Atraí assim, sobre a vossa Pátria, a paz. Eu sou o Anjo da sua guarda, o Anjo de Portugal. Sobretudo, aceitai e suportai, com submissão, o sofrimento que o Senhor vos enviar.”

Foi **Nossa Senhora de Fátima** Quem disse aos Pastorinhos: “Rezai, rezai muito e fazei sacrifícios por os pecadores, que vão muitas almas para o inferno por não haver quem se sacrifique e peça por elas.”

A **Irmã Lúcia** disse ao Padre Fuentes em 1957: “Diga-lhes também, Senhor Padre, que os meus primos Francisco e Jacinta sacrificaram-se porque viram a Santíssima Virgem sempre muito triste em todas as Suas aparições. Nunca Se sorriu para nós; e essa tristeza e essa angústia que notávamos na Santíssima Virgem, por causa das ofensas a Deus e dos castigos que ameaçavam os pecadores, sentíamos-las até à alma. E nem sabíamos o que mais inventar para encontrarmos, na nossa imaginação infantil, meios de fazer oração e sacrifícios.”



O Anjo da Paz apareceu três vezes aos Pastorinhos antes de Nossa Senhora lhes aparecer em Fátima. Foi ele que ensinou os Pastorinhos a rezar e a sacrificarem-se devotamente, e, acima de tudo, ensinou-lhes uma profunda reverência diante do Santíssimo Sacramento.

O exemplo dos pastorinhos de Fátima

E vemos repetidamente os Pastorinhos de Fátima a oferecerem sacrifícios como actos de reparação pelos pecados do mundo, para que os pecadores se convertam e salvem, desse modo, as suas almas.

Não poderiam eles ter agradado a Deus de um modo diferente? É claro que alguns dos sacrifícios oferecidos pelos pequenitos, Francisco e Jacinta, através de mortificações e da dor física, eram bastante extraordinários. Contudo, não há razão para crer que essas medidas intensivas sejam obrigatórias para todos nós, e que nós não poderemos ir para o Céu se não fizermos exactamente como eles.

No entanto, o exemplo dos Pastorinhos de Fátima aponta para uma realidade difícil da Fé Católica: que, sem sacrifícios voluntários oferecidos a Deus, nós não podemos ter esperança na Bem-aventurança eterna.

O exemplo de Jesus Cristo

Porque é que isto é verdade? Para sermos salvos, devemos seguir a Nosso Senhor, porque Ele é o Caminho, que nós precisamos de seguir; e o Caminho tomado por Nosso Senhor foi o Caminho da Cruz, o Sacrifício voluntário da Sua vida humana pela nossa salvação, exactamente de acordo com as Suas palavras: “Não há Amor maior para um homem do que ele dar a vida pelos Seus amigos.” No Gólgota, Ele ofereceu a Sua vida ao Seu Pai, como propiciação pelos nossos pecados. Tomou sobre Si os nossos pecados e sofreu em nosso lugar. Precisamos de compreender que toda a vida de Nosso Senhor, e não só a Paixão que sofreu na última semana da Sua vida terrena, tem uma

natureza sacrificial. Toda a Sua vida foi orientada para a oferta final de Si Próprio no Calvário.

Não podemos considerar a Sua vida terrena como estando separada, de alguma maneira, em duas partes sem ligação: uma contendo os acontecimentos desde o Seu nascimento até atingir a idade adulta, e a outra desde a Agonia no Jardim de Getsémani até ser espancado, flagelado e crucificado. A vida de Nosso Senhor representa uma unidade moral em que tudo o que Ele faz está, de algum modo, relacionado com o Sacrifício da Cruz, porque foi para este acto de expiação que Ele nasceu. “Porque o Filho do Homem não veio para ser servido, mas sim para servir, e dar a Sua vida para a redenção de muitos.” (Mc. 10:45)

Precisamos da mentalidade do Evangelho

Esta passagem do Evangelho é outra prova de que Nosso Senhor compreendeu a Sua missão em termos de Sacrifício, amor abnegado e auto-doação. Assim, não devemos chamar-nos discípulos de Cristo se nós não O imitarmos a este respeito.

Existe algo a que se chama mentalidade sacrificial – estar pronto para desistir de qualquer coisa por amor de Deus. Cada dimensão da existência humana pode requerer sacrifícios, o que acontece muitas vezes. Nós, como Católicos, devemos habituar-nos a fazer pequenos sacrifícios por Deus. Os sacrifícios existem em milhares de formas diferentes: jejum, penitências de vários tipos, controlar a curiosidade vã de querer ver e ouvir tudo, abster-se de fumar ou beber durante a Quaresma, privação ocasional de doces e sobremesas, e assim por diante. Se conhecer a vida de qualquer santo – homem ou mulher, novo ou velho – sabe de que estou a falar. Porque nunca houve um santo que não praticasse algum género de abnegação sacrificial.

Nosso Senhor disse: Se quiserdes ser Meus seguidores, deveis tomar as vossas Cruzes diárias e seguir-Me. Quem tentar seguir uma vida cristã não pode esperar evitar o que o próprio Jesus não evitou – a Cruz.

Segundo o Arcebispo Lefebvre: *“A noção de sacrifício é uma noção profundamente cristã e uma noção profundamente católica. A nossa vida não pode ser passada sem sacrifício, uma vez que Nosso Senhor Jesus Cristo, o Próprio Deus, quis tomar um corpo como o nosso e dizer-nos: ‘Segui-Me, tomai a vossa cruz e segui-Me, se quereis ser salvos.’”*

E o Arcebispo Lefebvre continuava: “E Ele deu-nos o exemplo da Sua morte na Cruz; Ele derramou o Seu Sangue. ... Aqui está todo o mistério da civilização cristã. Aqui está aquilo que é a raiz da civilização cristã: a compreensão do sacrifício na vida de cada um, na vida quotidiana, o entendimento do sofrimento cristão, que já não considera o sofrimento como um mal, como uma dor insuportável, mas no qual os sofrimentos de cada um, a doença de cada um, são partilhar os sofrimentos e as doenças com os sofrimentos de Nosso Senhor Jesus Cristo ao assistir à Santa Missa, que é a continuação da Paixão de Nosso Senhor no Calvário.”

O Santo Sacrifício da Missa

O Santo Sacrifício da Missa é o Sacrifício do Próprio Cristo no Monte do Calvário, tornado presente onde quer que o sacerdote pronuncie as palavras da

Consagração. É da Missa que nós aprendemos o exemplo de Nosso Senhor, de Se entregar a Si Próprio do modo mais profundo para a salvação dos pecadores.

Foi pela Santa Missa que os pastorinhos de Fátima tinham uma noção da expiação de Nosso Senhor pelos pecados dos homens. Se a vida de sacrifício é o caminho mais seguro para a salvação eterna, não será a melhor estratégia para o demónio diminuir a nossa disponibilidade para nos sacrificarmos, ou até mesmo apagar por completo o sentido do sacrifício? E não será a Santa Missa o alvo mais precioso para ele? Ele sabe quanto pode alcançar, se conseguir enfraquecer a nossa noção da Santa Missa como a re-apresentação do Sacrifício de Nosso Senhor na Cruz!

Citei mais acima um sermão do Arcebispo Lefebvre, por ele se ter tornado o símbolo do combate pela conservação do rito tradicional em que a Santa Missa é oferecida. Ele e muitos outros opuseram-se à reforma litúrgica, não tanto devido à mudança da língua utilizada (passou do Latim para as línguas vernáculas), nem devido à introdução de três ciclos de leituras, nem por qualquer outra simples alteração, mas sim porque as mudanças *in toto* representam um claro afastamento da noção da Santa Missa como um Sacrifício, passando para a noção de uma refeição convivial.

O pensamento anti-sacrificial de Bugnini e Lutero

Este facto não é contestado pelos arquitectos da “reforma” litúrgica. Foi o próprio Arcebispo Bugnini que, em Março de 1965, escreveu em *L'Osservatore Romano*: “Devemos omitir das nossas orações católicas e da liturgia católica tudo que possa sugerir uma pedra de tropeço para os nossos irmãos separados, ou seja, para os Protestantes.”

Todos nós sabemos que a maior pedra de tropeço para os Protestantes é a noção da Santa Missa como um Sacrifício. No século XVI, Martinho Lutero e muitos outros líderes protestantes negavam que a Missa é um Sacrifício; e acentuavam exclusivamente o aspecto de refeição.

A verdade do Dogma Católico

O Concílio de Trento respondeu à “Reforma” Protestante, dando ênfase àquilo que estava sob ataque; nomeadamente, que a Missa é um Sacrifício:

“CÂNONE I. – Se alguém disser que na Missa não é oferecido a Deus um sacrifício verdadeiro e próprio; ou que o que é oferecido não é mais do que Cristo nos é dado a comer; que esse seja anátema.

“CÂNONE III. – Se alguém disser que o Sacrifício da Missa é apenas um Sacrifício de louvor e de acção de graças; ou que é mera comemoração do Sacrifício consumado na Cruz, mas não um Sacrifício propiciatório; ou que aproveita apenas àquele que recebe a Comunhão; e que não deve ser oferecido pelos vivos e pelos mortos, pelos pecados, penas, satisfações e outras necessidades, que esse seja anátema.”

A Missa antiga, milenar, Latina e Romana, exprime muitíssimo mais claramente a profundidade completa desta doutrina, sem de forma alguma diminuir o mistério. A

Missa é, conseqüentemente, um Sacrifício. Ela é também uma comunhão, mas uma comunhão resultante do Sacrifício previamente celebrado. É uma refeição em que a Vítima imolada no Sacrifício é consumida. A Missa é, pois, em primeiro lugar, um Sacrifício, e em segundo lugar uma comunhão ou refeição. Todavia, toda a estrutura da Nova Missa é centrada no aspecto de refeição ou de celebração, em detrimento do aspecto de Sacrifício.

Encíclica *Mediator Dei*

Para contrariar as tentativas contínuas do clero liberal e progressista neste sentido, antes mesmo do Concílio Vaticano II, o Papa Pio XII publicou o que poderia chamar-se a “Magna Carta” do ensinamento católico sobre a liturgia: a encíclica *Mediator Dei*. Sobre este assunto em particular, o Papa escreveu no Parágrafo 102:

Afastam-se, pois, do caminho da verdade os que recusam celebrar, se o povo cristão não se aproximar da mesa divina; e ainda mais se afastam os que, para sustentar a absoluta necessidade de que os fiéis se nutram do banquete eucarístico juntamente com o sacerdote, afirmam capciosamente que não se trata somente de um sacrifício, mas de sacrifício e banquete de união fraterna, e fazem da santa comunhão em comum quase o ápice de toda a celebração.

Tal entendimento, avisa o Papa Pio XII, é uma falsa doutrina que o Concílio de Trento, “fundando-se na doutrina guardada na ininterrupta tradição da Igreja,” condena deste modo: “Quem disser que as missas nas quais só o sacerdote comunga sacramentalmente são ilícitas, e por isso devam ser abolidas, seja anátema” (Parágrafo 101 de *Mediator Dei*; com referência ao Concílio de Trento, Sessão XXII, Cânone 8).

Se seguirmos o princípio litúrgico fundamental reiterado na Encíclica *Mediator Dei*, “*Legem credendi lex statuat supplicandi*” – “Que a lei da crença determine a regra da oração”, esperaríamos de uma liturgia católica que o seu conteúdo, as orações e os gestos não só correspondam às verdades da Fé, como também, efectivamente, as fortaleçam, e nos tornem mais receptivos a elas.

Mas, se compararmos o rito tradicional romano com o novo rito de Paulo VI, poderemos nós dizer, em boa consciência, que ambos veiculam a mesma atitude em relação ao significado do Sacrifício? Expressarão ambos de modo idêntico o ensinamento católico definido no Concílio de Trento e reiterado pelo Papa Pio XII na encíclica *Mediator Dei*? O Cardeal Ottaviani pensava que não, quando afirmou, em 1969 (isto é, muito antes que os vários desvios experimentais, criticados pelos Papas, tanto do passado como o actual, tivessem ocorrido na vida quotidiana da Igreja): “*a Novus Ordo representa, tanto em geral como em pormenor, um afastamento flagrante da teologia católica da Missa, tal como ela foi ... fixada em definitivo*” pelo Concílio de Trento.

(Continua no próximo número)